

PRÁTICAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Dança, deficiência e seus contextos 20 anos no projeto de extensão Inclusão pela Dança

Keyla Ferrari Lopes ^{1*}
Maria Alice da Cruz Paula²
Paulo Ferreira de Araújo ³

¹ Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: keylafe@gmail.com

² Departamento de Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: mdacruzpaula@gmail.com

³ Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: paulof@fef.unicamp.br

* autor correspondente

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência artística e recreativa do projeto de extensão Cia de dança Humaniza desenvolvido para jovens com e sem deficiência. A dança, enquanto possibilidade de interação entre pessoas com e sem deficiência, é uma atividade oferecida e valorizada em diferentes contextos com objetivos diversos, sejam eles artísticos, recreativos ou terapêuticos, a condição de deficiência não deve ser um fator limitador para a realização desta atividade visto que praticantes e dançarinos com corpos e habilidades diferentes devem ser reconhecidos e vistos também como artistas da dança, destacando -se o fazer artístico que também possui papel educativo e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE

Dança; Deficiência; Inclusão.

Dance, disability and its contexts 20 years in the Inclusion through Dance extension Project

ABSTRACT

The purpose of this article is to report the artistic and recreational experience of the extension project Cia de Dança Humaniza developed for young people with and without disabilities. Dance, as a possibility of interaction between people with and without disabilities, is an activity offered and valued in different contexts with different objectives, whether artistic, recreational or therapeutic, the condition of disability should not be a limiting factor for carrying out this activity. since practitioners and dancers with different bodies and skills must be recognized and also seen as dance artists, with emphasis on artistic work that also has an educational and inclusive role.

KEYWORDS

Dance; Deficiency; Inclusion.

Submetido em: 22/12/2020 – Aprovado em: 14/04/2021 – Publicado em: 19/04/2021

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

1 INTRODUÇÃO

A dança e a expressão corporal nasceram com o homem, antecedendo a linguagem verbal que, por sua necessidade de comunicação, aprende, por meio de gestos e movimentos, a exteriorizar suas ideias e seus desejos, estabelecendo assim um sistema de comunicação elaborado a partir de seu próprio corpo. Como consequência, os gestos ganham sentidos cada vez mais precisos, e logo nasce a dança, a mais antiga das artes, que nada mais é do que uma resposta corporal a determinadas motivações e necessidades de expressão e comunicação, característica de todo ser social. (Pedrosa & Tavares, 2009).

A dança caracteriza-se pelo uso do corpo na execução de movimentos coordenados ou improvisados. É uma atividade artística que se baseia primordialmente no movimento, nos gestos e na quietude do corpo e, por meio dele, possibilita ao praticante transmitir ideias e emoções. Ela nasce de sentimentos, percepções e imagens, se baseia nos sentidos e na motricidade, integrando as áreas motoras e psíquicas do ser humano. A dança pode existir como manifestação artística, como forma de divertimento, educação, terapia ou cerimônia. Como arte, a dança se expressa através dos signos de movimento com a intenção de comunicação.

De acordo com Barreto (2004), atualmente acredita-se na dança como meio de comunicação e transmissão de ideias, de fala e de expressão dos diferentes e sobre as diferenças como possibilidade de movimentos para além de corpos, de formas e de técnicas perfeitas. Corpos que se expressam com prazer, valorizando sua essencialidade, quebrando ideias ultrapassadas e recriando novas realidades corpóreas.

A história da dança, em especial no último século, tem evidenciado uma característica de transgressão por seu caráter transformador em favor da liberdade de expressão” (Bertoldi & Marchi Jr., 2004, p.3). Pode -se dizer que essa liberdade de expressão implica atravessar, ultrapassar limites corporais e noções preestabelecidas de movimentos.

De acordo com Souza e Saul (2010), não há um único modo característico de se mover, um vocabulário de movimentos ou um padrão. Todo movimento pode ser dança; até mesmo o não movimento. De forma geral, a dança é, para muitos, o instrumento, um meio canalizador de emoções. Seja qual estilo for, a dança é a arte que envolve e desmistifica qualquer preconceito existente.

Ao complementar esta perspectiva, Boissiere (2006, p.7) afirma que a dança pode oportunizar um espaço onde julgamentos dão lugar a descobertas, pois ela não é somente uma arte do gesto, mas uma arte que faz o gesto.

Ao pensarmos nas possibilidades de movimentos que a dança proporciona, por meio da liberdade de expressão de diferentes corpos, pode se dizer que esta atividade se tornou possível de ser realizada por pessoas em diferentes condições de deficiência e faixas etárias.

De acordo com Souza (2009, p.39) desde os anos 1980, artistas e educadores ligados à dança no Brasil têm se dedicado à pesquisa com pessoas com deficiência. Isso proporcionou novos olhares da sociedade; olhares que quebram os estereótipos daquilo que se entendia por dança, em que o virtuosismo era o centro do espetáculo.

A dança então torna-se uma atividade acessível e, em seus diferentes contextos, ainda assume seu papel educativo e inclusivo.

Neste sentido, pode-se dizer que as barreiras existentes no passado com relação ao corpo com deficiência já estão sendo quebradas e hoje em dia qualquer pessoa pode dançar, mesmo que ela tenha alguma deficiência motora, sensorial ou intelectual. Existem diversos estilos de dança que dão a liberdade de cada um optar como, quando, onde e o que dançar, sendo seu corpo um instrumento criativo.

No cenário brasileiro e mundial, os trabalhos realizados na área da dança e expressão corporal que incluem alunos e dançarinos com deficiência vêm crescendo em uma grande diversidade de estilos e objetivos e geralmente são realizados por profissionais de diferentes áreas do conhecimento humano como artistas, terapeutas e educadores com propostas que possuem objetivos sociais, terapêuticos, artísticos, educativos, competitivos, recreativos ou até mesmo mais de um destes objetivos reunidos numa mesma proposta. Nestes contextos, podemos encontrar cada vez mais pessoas que possuem uma condição de deficiência inseridas de maneira a se fazerem presentes no cenário da dança que, por muito tempo, os excluiu por considerá-los não hábeis para a realização tal atividade.

Geralmente, as aulas e as atividades com a dança para as pessoas com deficiência podem ser realizadas em escolas, instituições, clínicas de reabilitação e educação especial, academias, escolas de dança, grêmios, ONGs e associações. Estes diferentes contextos justificam a diversidade de objetivos das propostas para este público.

Embora existam práticas com diferentes objetivos das propostas metodológicas, a dança, quando realizada em grupos que reúnem pessoas com e sem deficiência, proporciona interação qualitativa entre estes participantes, criando um ambiente favorável para a formação de vínculos afetivos, reflexões, busca de identidade social, autonomia, autoestima, criatividade, cumplicidade, entre outros aspectos que transcendem limites corporais, emocionais e perceptivos.

Observa-se que é de extrema importância a presença da dança na educação de todas as pessoas, mas, para, além disso, ela se tornou uma ferramenta essencial no desenvolvimento da autonomia e da independência de pessoas com deficiência. Neste sentido, pode auxiliar na inclusão e na interação entre alunos com e sem deficiência.

No contexto artístico, grupos de dança amadores e profissionais que integram bailarinos com e sem deficiência vêm sendo criados em universidades, escolas de dança e associações específicas cujo objetivo é essencialmente artístico e visam apresentar espetáculos abertos a públicos com grande frequência.

Assim nasceu a Companhia de Dança Humaniza, projeto criado em maio de 2000 pela professora, doutora Keyla Ferrari Lopes, com objetivo de oferecer aulas de dança, expressão corporal e teatro para jovens com e sem deficiência.

Atualmente, o projeto conta com 30 alunos com deficiência intelectual, motora e transtorno do espectro autista, além de quatro professores, cinco voluntários e interação expressiva de familiares e comunidade local e acadêmica. As aulas acontecem semanalmente nas dependências do Centro de

inclusão social Proec/Unicamp (CIS Guanabara).

Durante a trajetória de 20 anos de atuação, o projeto realizou congressos, apresentações, palestras e espetáculos de dança em praças, teatros, escolas e locais de impacto como o memorial da América Latina em São Paulo e Casa de Dança de Carlinhos de Jesus, no Rio de Janeiro.

Seja nas aulas ou nos espetáculos, jovens com diferentes condições motoras ou cognitivas dançam e interagem com professores voluntários, estagiários e artistas, cada um dentro de suas possibilidades e ritmo individual em coreografias que nascem da motivação e envolvimento dos participantes.

As propostas pedagógicas aplicadas para a realização da prática da atividade nas aulas de dança são Contato e improvisação e dança criativa, ambas desenvolvidas e adaptadas pela professora considerando contexto e faixa etária dos alunos envolvidos.

A metodologia Contato e Improvisação é uma prática de dança criada e desenvolvida nos anos setenta, nos Estados Unidos, pelo bailarino Steve Paxton, a filosofia do Contato e Improvisação não define o dançarino por aparência valorizando ação, sensação do corpo e qualidade das interações é uma técnica flexível e fácil de ser adaptada para atender a diversos corpos.

A dança criativa é uma prática de dança que tem o foco voltado para instigar a capacidade de criação e nas aulas de dança criativa são privilegiadas as temáticas básicas de movimento e suas variações, estimulando a criatividade e a auto expressão e além das adaptações foram feitas inserções de objetos mediadores, ou objetos cênicos, uma vez que estes que agem como estímulos criativos e mediadores do movimento, facilitadores do processo de criação coreográfica entre os alunos nas vivências realizadas em trios e grupos (Lopes, 2018).

Alunos e pais relatam sentimentos positivos sobre o impacto da dança em suas vidas, destacando o caminho artístico profissional para alguns integrantes mais antigos, enquanto outros apreciam o valor da atividade como bem-estar, terapia, qualidade de vida e interação social.

Neste sentido, em suas reflexões, Souza (2009, p.40) diz que é muito difícil explicar a experiência paradoxal de limitação que coexiste com desejo e felicidade envolvidos no trabalho com dança nas vertentes da arte e da terapia. Algumas pessoas dizem que é um trabalho estritamente terapêutico, em que a arte, no caso a dança, é um meio para que se consiga reabilitar o indivíduo. Por conter elementos que trabalham corpo, consciência e improviso, torna-se uma maneira bastante viável para fins terapêuticos. Para outros, o trabalho é completamente artístico. Não se busca melhorar ou curar algo, busca-se apenas o contato e o conhecimento da arte, não dando aberturas para pessoas que estejam buscando reabilitação. A autora ainda acrescenta:

Sustentar um discurso com uma única vertente é sempre uma tarefa difícil – arte e terapia estão muito próximas e acabam se confundindo durante o processo. Como dizer que o trabalho é estritamente artístico, quando sabemos que os exercícios utilizados auxiliam em conteúdos da vida da pessoa? Ou que o indivíduo está procurando apenas reabilitar-se, quando, durante suas aulas, ele cria e recria o mundo utilizando de imaginação? (Souza, 2009, p.40).

Com isso, embora existam objetivos diferenciados, seja pela arte, educação ou pela terapia /reabilitação, não há como negar que as áreas estão em constante relação.

Essa discussão ainda se faz presente em trabalhos de dança que incluem pessoas com deficiência, porém, se pensarmos na afinidade entre a arte e a terapia, talvez sejamos levados a considerar que muitos trabalhos artísticos possuem aspectos terapêuticos. Se durante as aulas e as vivências com a dança pessoas com e sem deficiência podem interagir, conhecer e explorar seus corpos, habilidades e sentimentos, e, se isso, em algum nível, pode caracterizar algum tipo de bem-estar ou terapia para ambos, alunos e dançarinos com ou sem deficiência, estes trabalhos artísticos apresentam, ainda que de forma indireta, aspectos terapêuticos e educativos, na medida em que trabalha disciplina, ensino e convivência.

Em contraposição, Freitas (2006, p.33) diz que não podemos resumir a dança para pessoas com deficiência apenas como dança-terapia, dança-inclusão e dança-reabilitação, validando nesse ser humano apenas suas limitações, não o valorizando pela sua subjetividade que está implícita nos movimentos da dança, nas suas expressões particulares que estão contidas em cada movimento, independente se esses movimentos fogem de um padrão preestabelecido. Para a autora (2006, p.33), se estas condições forem impostas para dançarinos com deficiência, nos parece retroceder aos primórdios, quando as pessoas com deficiência eram segregadas, não eram consideradas dignas de conviver em sociedade.

Para Freitas (2006, p. 33), a dança para pessoas com deficiências não deve significar apenas a transposição de barreiras e afirmação de conquistas diante da sociedade. Seu significado deve transcender os aspectos físicos do corpo deficiente. Ao contrário, estaremos condenados a uma análise medíocre que padroniza os movimentos da dança para esses indivíduos, nos distanciando da subjetividade implícita no corpo que dança.

Neste contexto, Tavares (2003) acrescenta que o aspecto simbólico do movimento expressivo não é evidenciado. De acordo com esta autora (2003), a dança para pessoas com deficiências nos convida a refletir sobre duas vertentes. A primeira relaciona a dança como uma experiência corporal diferenciada, que ressalta a aceitação e o reconhecimento das diferenças. A segunda nos leva ao encontro de uma linguagem simbólica, ao corpo como elemento expressivo, uma dança universal que comunica e une profundamente cada pessoa naquilo que possui de mais profundo, que é a sua condição humana.

A deficiência não modifica a natureza do fazer artístico. Se pessoas com e sem deficiência se encontram em cima de um palco com uma plateia para apreciá-los dançando, existe um objetivo artístico.

O essencial é que o público assista aos espetáculos levando em consideração que, independentemente das características dos dançarinos, o processo é o mesmo e, uma vez inseridos no contexto da arte, devem ser lidos como tal, sem os recorrentes questionamentos sobre superação de limites ou reabilitação (Souza, 2009, p.49).

Neste sentido, torna-se pertinente citar a reflexão de Marques (2005, p 124.) ao apontar que “mais e mais dançarinos e coreógrafos estão indagando que as plateias vejam seus corpos como uma busca de identidade cultural, uma presença física que move com e através de gênero, raça e significados sociais”.

É nesta diversidade de contextos, mudanças de paradigmas e quebra de conceitos preestabelecidos sobre corpo, arte e deficiência que a dança se transforma, criando e recriando gestos, expressões e movimentos, permeando as relações e o contato entre alunos, artistas, terapeutas e educadores com e sem deficiência que se encontram no fazer artístico, compartilhando sentimentos e as infinitas possibilidades de interagir pela comunicação não verbal, considerando a complexidade humana e suas diferenças.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança, enquanto possibilidade de interação entre pessoas com e sem deficiência, deve ser uma atividade oferecida e valorizada nos contextos em que se faça possível e necessária, sejam eles escolares/educativos, terapêuticos, artísticos e esportivos/recreativos.

Afirmações como “A dança é para todos” fazem sentido, pois a condição da deficiência não deve ser um fator limitador para a realização desta atividade.

Quanto à finalidade das propostas metodológicas e a discussão entre arte, terapia ou educação, há de se considerar como fator principal a motivação pessoal destes alunos ou dançarinos, que apresentam uma condição de deficiência, pois a escolha entre ensaiar uma coreografia para apresentar ao público, realizar espetáculos em diversos locais ou praticar a atividade apenas para o seu bem-estar físico e emocional é uma escolha pessoal. Devemos ressaltar ainda que em determinados casos de alunos com condição de deficiência severa, seja ela intelectual, motora ou múltipla, familiares e acompanhantes possuem papel fundamental no envolvimento e motivação da atividade, bem como na escolha das propostas consideradas mais adequadas para eles.

A sociedade e o público dos espetáculos estão em processo de modificação de seus olhares com relação ao dançarino com deficiência, pois estes buscam o reconhecimento como artistas não querem e não devem ser vistos com suas deficiências em destaque, estes devem ser reconhecidos e vistos como artistas da dança, visto que o olhar externo é que destaca as limitações e diferenças corporais, ao invés de destacar o fazer artístico.

REFERÊNCIAS

Boissière, A. (2006). Le mouvement expressif dansé: Erwin Strauss, Walter Benjamin In: *Approche philosophique du geste dansé, De l'improvisation à la performance*. Anne Boissière, Catherine Kintzler (éds), Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve d'Ascq.

Freitas, K. (2010). *O papel da dança para pessoas com deficiência mental segundo profissionais que atuam nas APAEs da região de Campinas*. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

Lopes, K. F. (2018). *A interação corporal entre mães e filhos com deficiência: da dança como mediadora*. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

Marques, I. A. (2005). *Dançando na escola*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

Pedrosa, M. R.; & Tavares, H. M. (2009). Expressão corporal e educação: Elos de conhecimento. *Revista da Católica*, 1(2), 198-206. Disponível em:
<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/16-PEDAGOGIA-05.pdf> Acesso em: 10 dez. 2016.

Souza, V. L. (2009). Deficiências: pensando espaços entre dança e terapia. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, 16. Disponível em:
<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4365>

Souza, C. A. F; Saul, & T. S. (2011). *Reflexões sobre a dança e diversidade corporal*. Disponível em:
http://www.academia.edu/4581851/Reflex%C3%B5es_sobre_a_dan%C3%A7a_e_diversidade_corporal

Tavares, M. D. (2003). *Imagem Corporal: Conceito e desenvolvimento*. Campinas: Manole.

Artigo submetido ao sistema de similaridade